



INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS: O USO DO ANTICONCEPCIONAL ORAL CONCOMITANTE A RIFAMPICINA, UM ANTIBIÓTICO

Thâmella Barbosa Ferreira¹, Rafaella Pena Breder², Renata de Freitas Mendes³

¹ Graduanda em medicina, Centro Universitário UNIFACIG, thamellabarbosa@hotmail.com

² Graduanda em medicina, Centro Universitário UNIFACIG, rafaella_pena@hotmail.com

³ Doutora em Ciências Biológicas – Genética e Biotecnologia, Discente no Centro Universitário UNIFACIG, renatinhafmendes@gmail.com

Resumo: As interações medicamentosas ocorrem por diversos motivos, e essas podem ser benéficas ou maléficas. As interações entre um fármaco e outra substância são estudadas na farmacocinética e na farmacodinâmica. Um exemplo de comunicação prava é do anticoncepcional oral com a Rifampicina. Uma pesquisa com acadêmicas relataram um número considerável de mulheres que sabem sobre as interações entre fármacos, entretanto existe uma porcentagem que ainda não tem conhecimento desses mecanismos. Em contrapartida, um estudo com mulheres da comunidade no geral, relatam um número elevado de mulheres que não tem conhecimento sobre as interações medicamentosas, ressaltando a importância dos profissionais da saúde em compartilhar mais informações e a necessidade de instruir a leitura da bula do medicamento. Algumas mulheres utilizam o anticoncepcional oral como método contraceptivo, mas algumas iniciam a ingestão por outros motivos, e a taxa de mulheres que começam a utilizar o medicamento novas é alta, sendo imprescindível a informação sobre os riscos das interações medicamentosas à população, e nesse caso, em especial, às mulheres.

Palavras-chave: Informação; Mulheres; Anticoncepcional oral hormonal; Farmacodinâmica; Farmacocinética.

Área do Conhecimento: Ciências da saúde.

1 INTRODUÇÃO

A interação medicamentosa é quando ocorre alteração nos efeitos de um medicamento pela ação de outra substância, por exemplo, outro fármaco, fitoterápicos, bebidas ou alimentos.

Essas alterações podem ser estudadas na farmacodinâmica, que estuda a atividade de um fármaco, interação com o alvo, modificação da resposta do tecido, a influência química sobre os constituintes das células e os alvos, que podem ser receptores ou proteínas. Também são estudadas na farmacocinética, que estuda os processos de absorção, distribuição, metabolismo e excreção dos fármacos.

No caso de dois fármacos serem administrados simultaneamente por um mesmo paciente, podem ter ação de maneira independente ou interagir entre eles, causando o aumento ou a diminuição do efeito que se deseja do medicamento.

Um relato de interação medicamentosa é entre o anticoncepcional oral e a Rifampicina, um antibiótico. Estudos relatam que existe um número considerável de mulheres no meio acadêmico, que sabem dessa interação, entretanto, há um número notável de mulheres que não sabem dessa questão fora do local de educação, escolas e faculdades, o que pode causar consequências para a pessoa e seu ciclo de convivência, caso a mulher faça o uso de ambos medicamentos ao mesmo tempo. Em contrapartida, o número de mulheres que usam o contraceptivo oral diariamente é elevado.

Uma das inovações mais importantes na sociedade, a pílula anticoncepcional hormonal, alterou os padrões de vida da população. A mulher começou a ter o poder de escolher quando deseja ter filhos, com isso, pode entrar no mercado de trabalho e ocupar lugares que antes não eram lhe permitidos. Já Rifampicina, é indicada principalmente para o tratamento de tuberculose. Ao interagir com o anticoncepcional, modifica os níveis plasmáticos considerados normais e reduz o efeito contraceptivo do medicamento.

Portanto, o objetivo desse trabalho é alertar a população, no geral, sobre as interações medicamentosas e os riscos que elas podem causar, principalmente às mulheres que usam o anticoncepcional oral diariamente e faz uso da Rifampicina ou outro antibiótico que também reduz o

efeito da pílula, mostrando a importância da informação sobre assuntos e hábitos corriqueiros do dia a dia, como o uso de diversos medicamentos ao mesmo tempo.

2 METODOLOGIA

O presente artigo, trata-se de uma sistemática revisão de literatura mediante estudos e análise do livro de farmacologia e artigos relacionados à interação medicamentosa, os mecanismos de ações e abordagem sobre o uso de anticoncepcionais orais hormonais associados aos antibióticos, particularmente, a Rifampicina. Realizados através de pesquisas no Google acadêmico, bula da ANVISA, artigos, dissertações, por meio dos subsequentes termos: interações medicamentosas, contraceptivos, anticoncepcional oral hormonal, Rifampicina, antibióticos, mecanismo de ação, terapêutica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As interações medicamentosas são alterações resultantes da ação de fármaco entre fármaco ou fármaco com outras substâncias no organismo, diminuindo ou aumentando os efeitos de um ou de ambos os medicamentos. Vale ressaltar, que há interações medicamentosas neutras, benéficas e úteis, o que explica a prescrição de dois ou mais medicamentos.

Essas interações envolvem a farmacodinâmica, em que um fármaco ao relacionar-se com outro elemento muda a sensibilidade ou as resoluções dos tecidos do corpo humano a outro medicamento, podendo ser agonista, realizando o mesmo efeito, ou antagonista, que proporciona um resultado bloqueador, ambos a nível do receptor, geralmente. E a farmacocinética, na qual, um fármaco ao interagir com outra substância, altera as quatro etapas principais da farmacocinética, sendo elas, absorção (é a entrada do fármaco no sangue depois de administrar), distribuição (é o carreamento para os tecidos a partir do sangue), metabolismo (são as reações que alteram a estrutura química do fármaco) e excreção (processo de eliminação do fármaco pelo organismo), consequentemente alterando a biodisponibilidade do fármaco na corrente sanguínea, seja aumentando ou diminuindo a ação do fármaco no organismo.

O aumento da biodisponibilidade de um fármaco na corrente sanguínea acarreta na maior ação do fármaco e aumento da secreção, entretanto, intensifica o metabolismo de primeira passagem e se aumentar excessivamente, pode ocorrer overdose medicamentosa.

Já a diminuição da biodisponibilidade, diminui a ação do fármaco, acumulando-se mais facilmente nos tecidos, causando aumento do peso, como exemplo, e futuramente pode ser liberado no momento inadequado trazendo problemas, como perda de peso muito rápido, desânimo, entre outros prejuízos para a pessoa.

A incidência do número de pessoas que vão ocorrer reações divergentes obtidas através de interações medicamentosas é desconhecida, por não ser possível saber a quantidade de pacientes aos quais foram prescritos as combinações de fármacos com capacidade para interações. Contudo, a interação entre algum fármaco e uma outra substância qualquer, já são previsíveis, como no caso do uso de anticoncepcionais orais com a Rifampicina, um antibiótico.

Algumas mulheres tem o hábito de utilizar o anticoncepcional oral diariamente como forma de regular o ciclo menstrual, redução da tensão pré-menstrual, diminuição de cistos ovarianos, tanto quanto um método contraceptivo. O método escolhido por diversas mulheres. Porém, ao utilizar o anticoncepcional com o uso da Rifampicina, indicada no tratamento de tuberculose, de hanseníase e para indivíduos que tiveram proximidade com pacientes com meningite, os efeitos do anticoncepcional podem não ser eficazes durante a interação medicamentosa, reduzindo a segurança do medicamento diário.

Os contraceptivos hormonais, geralmente, é composto por estrogênio e progesterona, que atuam ofuscando os hormônios que provocam a ovulação. Eles mantêm os níveis de progesterona e estrogênio, que coíbem a eliminação hipofisária de FSH e LH por meio do mecanismo de feedback, mantendo os óvulos quiescentes e impossibilitando a ovulação.

A Rifampicina age ligando-se e inibindo a RNA polimerase dependente de DNA nas células. É bacteriostático, pois inibe a multiplicação das bactérias.

Com isso, o uso do anticoncepcional oral junto com a Rifampicina, interfere na ação do anticoncepcional, pois amplia a rapidez com que são metabolizados e como resultado levam a uma atenuação destes hormônios no sangue, levando a uma modificação do seu efeito terapêutico.

A Rifampicina, é um poderoso indutor hepático e do sistema citocromo P450, exacerbando o metabolismo dos contraceptivos e reduzindo a quantidade na corrente sanguínea. O que auxilia nessa diminuição é a modificação da flora intestinal abreviando a recirculação entero-hepática dos estrogênios. Relatos abordam que houve a interrupção da ovulação e sangramentos durante a

ingestão dos medicamentos em conjunto. Esse antibiótico é um dos únicos que ocorre interação medicamentosa com os contraceptivos orais.

Uma pesquisa realizada pelos alunos da Fundação Educacional de Fernandópolis com acadêmicas, mostram que o número de mulheres que sabem das interações entre fármacos são relativamente altos, contudo, ainda há mulheres que não sabem sobre a ocorrência de interações entre fármacos o que pode ocasionar algumas preocupações como a escolha da mulher de decidir quando ela deseja engravidar, o controle de natalidade, este último interfere no aumento de pessoas que necessitam do uso da saúde pública, da educação pública, de moradia, alimentação, e usos de recursos naturais.

Tabela 1 – Conhecimento da interação

Foi informada	%
Sim	76%
Não	24%

Fonte: Borges, Bárbara Lopes; Helena, Bruna de Melo; Hernandes, Mariana Pinheiro; De Souza, Milena Marchesani.

Outro ponto que chama atenção dessa pesquisa é o fato das informações sobre os medicamentos serem transmitidas minimamente pela bula, sinal claro que as pessoas não tem o costume de ler os dados sobre o que está tomando presente nas bulas.

Tabela 2 – Origem da informação

Origem	%
Farmacêutico	8%
Médico	23%
Veículos de comunicação	38%
Sala de aula	30%
Bula	1%

Fonte: Borges, Bárbara Lopes; Helena, Bruna de Melo; Hernandes, Mariana Pinheiro; De Souza, Milena Marchesani.

Além disso, é importante ressaltar, a idade que as mulheres costumam iniciar o uso dos contraceptivos hormonais, o que demonstra a maior necessidade de educação sobre os diversos efeitos terapêuticos das interações medicamentosas o mais cedo possível, para que não ocorra consequências indesejáveis.

Tabela 3 – Faixa Etária

Idade/anos	%
17 a 21	71%
22 a 26	19%
27 a 31	7%
Mais de 31	3%

Fonte: Borges, Bárbara Lopes; Helena, Bruna de Melo; Hernandes, Mariana Pinheiro; De Souza, Milena Marchesani.

Em contrapartida, outra pesquisa, realizada com 100 pessoas do sexo feminino, demonstra que o número de mulheres, fora do âmbito educacional, que sabem da ocorrência da interação medicamentosa dos anticoncepcionais orais com antibióticos são mais atenuados. Esses dados

apontam, com mais clareza, a carência que a comunidade tem sobre esses assuntos, e o elevado dever dos profissionais de saúde em ampliar o foco dos dados compartilhados.

Tabela 4 – Conhecimento da interação, comunidade no geral

Foi informada	%
Sim	76%
Não	73%

Fonte: DE SOUZA, Elane Moreira; CRUZ, Lucas Alves; SILVA, Silvânia Magda Oliveira; COSTA, Laércio Fonseca; COSTA, Ludimyla Mariá Ramos Costa; NERE, Jassiara Macedo; GARCIA, Lúcia Maria; ESPÍRITO SANTO, Luçandra Ramos.

Assim, é função dos médicos, enfermeiros, farmacêuticos, no geral, os profissionais de saúde, informar através das conversas particulares ou em grupo, panfletos online ou de papel as pacientes, além dos benefícios, como, prevenção das doenças benignas de mama, câncer de endométrio ou de ovário, doença inflamatória pélvica, regulação do ciclo menstrual e meio de evitar a gravidez, os riscos da ingestão do anticoncepcional com outros medicamentos, que pode alterar todos os benefícios.

4 CONCLUSÃO

As interações medicamentosas são bem comuns, contudo, diversas pessoas não tem conhecimento sobre esses mecanismos, o que pode gerar consequências maléficas como efeitos não eficazes ou efeitos intensificados do medicamento em uso.

Sabe-se que a ação dos anticoncepcionais orais no geral é bem clara. O êxito e garantia são obtidos pelo uso constante e elevado de mulheres que optam por esse método, entretanto, há um índice de falha, como todo medicamento, e quando tomado com alguns medicamentos, como citado, a Rifampicina, ocorre a interação medicamentosa, que reduz os efeitos terapêuticos do contraceptivo.

Desse modo, é de extrema necessidade o início do compartilhamento das informações sobre as interações medicamentosas, sendo executado por todos os profissionais da área da saúde e professores, não só para as pessoas inseridas no meio acadêmico, mas também para a população das comunidades, e incentivar mais o hábito de leitura da bula do medicamento que está sendo ingerindo por cada indivíduo, contribuindo para que seja possível diminuir as más consequências ao usar diversos fármacos ou outras substâncias em conjunto.

5 REFERÊNCIAS

ANVISA, bula. Rifaldin (Rifampicina).

BORGES, Bárbara Lopes; HELENA, Bruna de Melo; HERNANDES, Mariana Pinheiro; DE SOUZA, Milena Marchesani. Interação medicamentosa: antibióticos x contraceptivos orais. Fundação Educacional de Fernandópolis/ Faculdades integradas de Fernandópolis.

CASTRO, Clarisse. Interação medicamentosa: entenda os riscos de se medicar sem orientação. Portal Fiocruz.

DE SOUZA, Elane Moreira; CRUZ, Lucas Alves; SILVA, Silvânia Magda Oliveira; COSTA, Laércio Fonseca; COSTA, Ludimyla Mariá Ramos Costa; NERE, Jassiara Macedo; GARCIA, Lúcia Maria; ESPÍRITO SANTO, Luçandra Ramos. Conhecimento das mulheres em relação às interações medicamentosas entre anticoncepcionais orais e antibacterianos em município brasileiro. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 18, N°189, Febrero de 2014.

DE SOUZA, Fabiane Ribeiro et al. Associação de antibióticos e contraceptivos orais. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 4, n. 3, p. 221-225, 2005.

DE SOUZA, Marcus Vinícius Nora. Rifampicina, um importante fármaco no combate à tuberculose. **Rev. Bras. Farm.**, v. 86, n. 3, p. 92-94, 2005.

EVANGELISTA, Danielle Rosa. MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; ALMEIDA, Paulo César. Competência profissional no manejo do anticoncepcional hormonal oral durante tratamento de tuberculose com Rifampicina. Ufjf.br/nates/files/2009/12/06.

JACOMINI, Luiza Cristina Lacerda; NA, Silva. Interações medicamentosas: uma contribuição para o uso racional de imunossuppressores sintéticos e biológicos. **Rev Bras Reumatol**, v. 51, n. 2, p. 161-174, 2011.

RANG e DALE, Farmacologia, tradução da 8ª edição. H. p. Rang; J.M.Ritter; R.J.Flower; G.Henderson.

SECOLI, Silvia Regina. Interações medicamentosas: fundamentos para a prática clínica da enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 1, p. 28-34, 2001.

SHALINI S. Lynch, pharmD, University of California San Francisco School of pharmacy. Manual MSD, versão para profissionais da saúde

SILVA, Luma Meirelles da Silva; ROCHA, Marcia Rocha. Interações medicamentosas dos anticoncepcionais com outros fármacos. Centro de pós-graduação Oswaldo Cruz.

SILVA, Natália Cristina Sousa et al. INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS COM CONTRACEPTIVOS HORMONAIS ORAIS. **ÚNICA Cadernos Acadêmicos**, v. 3, n. 1, 2017.

SOUZA, Lígia Kobelus de. Interação medicamentosa entre anticoncepcionais orais hormonais combinados e antibióticos. 2015.

TURCATO, Thamires CC; CORREA, Milena A. Tonon. Interação medicamentosa pertinente a fármacos antibióticos e agentes anticoncepcionais femininos.

WENZEL, Clarissa; FRASSON, Ana Paula Zanini. Os Anticoncepcionais Orais e suas Interações Medicamentosas. **Revista Contexto & Saúde**, v. 3, n. 04, p. 95-96, 2003.